

# Van Helsing e o cocô da verdade

Sim, vampiros não existem, mas que tipo de problema é esse?

BETO VIANNA,  
CRITIC(AD)O LITERÁRIO

Dois dos livros que mais gosto na praia da ficção foram escritos por cidadãos britânicos. Nisso eu posso ser e até fui bem patrulhado como um chauvinista de mente incorrigivelmente colonizada, e faço até gosto, pois nove fora a literatura, meus queridinhos na música são ingleses (aquela banda do George Harrison) e em outro terreno dos passatempos ocidentais - a ciência - sou darwinista de carteirinha. Mas não é só pelo sotaque britânico que minha confissão literária pode render apedrejamento. As obras de que estou falando são *Frankenstein*, de Mary Shelley, e *Drácula*, do irlandês (e, não, inglês, vá lá) Abraham Stoker.

Até que o livro de Shelley nem é problema. Primeiro, porque a menina tem pedigree. É filha da filósofa feminista Mary Wollencraft, esposa do finíssimo poeta Percy Shelley e amiga de Lorde Byron, outro monstro sagrado da pena inglesa, guru do movimento romântico. E Shelley não era dama de companhia dessas feras. Escrevia muito e escrevia bem, ensaísta, editora e tão ou mais politicamente ativista que a mãe. E a própria obra mencionada, *Frankenstein*, tem seu lugar ao sol na lista de boas leituras do mundo.

Por falar em Shelley (o marido) e Byron, é bem conhecida a história (tem filme e tudo sobre isso, um filme bem doído: "Gothic", de 86) em que os dois, mais o italo-inglês John William Poli-



dori, passaram uma bizarra noite na companhia de Shelley (a esposa), e desse rendezvous opíaco, com a borbulhante colaboração do láudano, brota o argumento de *Frankenstein*. Polidori é outra figuraça. Foi considerado culpado por introduzir o tema "vampiro" na literatura ocidental, com um conto seu chamado, adivinhe só, "The Vampyre". E aí está a deixa pra pularmos pro *Drácula*.

Bram Stoker não tem a proeminência, o reconhecimento, as qualidades e muito menos o sangue azul literário de Shelley. Escreveu muita coisa aqui e outras ali, mas suas melhores pontuações no currículo (fora, é claro, *Drácula*) são ter se casado com a ex-namorada de Oscar Wilde, ter sido amigo do ator Henry Irwin e ter dirigido o teatro londrino Lyceum, de propriedade do próprio Irwin. Dizem que a figura de Irwin inspirou a criação da figura do Conde Drácula. Sim ou não, o certo é

Graças a Hollywood, e, mais tarde, a toda uma indústria do entretenimento light ocidental - da Família Addams até à incrível turma do Penadinho -, *Frankenstein* e *Drácula* viraram aquilo que nunca foram

que o cara é a cara cuspida do Christopher Lee (se o *Cometa* não publicar a foto dele, olha no Google e vê se estou mentindo).

Sobre *Drácula*, só posso dizer o seguinte: conheço bem a história do Conde, do caçador de vampiros Van Helsing e do casal atormentado Jonathan e Mina Harker desde pirralho (sempre me afeiçoei a

esse nobre vampirão - no sentido platônico, que fique claro), mas só agora, no alborcer dos meus quarenta, me dispus a ler, de fato e de cabo a rabo, o volume. E até onde eu tenha algum crédito para avaliar méritos literários, tem mesmo muita coisa melhor por aí, mas não é por aí que eu gosto da obra. O buraco - e a razão de ser deste texto - é em outro lugar.

Graças a Hollywood, e, mais tarde, a toda uma indústria do entretenimento light ocidental - da Família Addams até à incrível turma do Penadinho -, *Frankenstein* e *Drácula* viraram aquilo que nunca foram. O livro de Shelley não é sobre um cientista maluco irresponsavelmente brincando de Deus, e o texto de Stoker não é a vitória do amor cristão sobre as forças sensuais do mal. Definitivamente, não, e desafio para um duelo (de verdade, com arma escolhida e tudo) quem, nesse ponto, insistir no meu contrário.

*Frankenstein* leva às últimas consequências (emocionais, pedagógicas, políticas) a proposta do doutor Erasmus Darwin (avô de meu ídolo Charles) de que a vida é animada por um fluxo energético (a "eletricidade animal", de Luigi Galvani), e, ainda assim, deve ser cuidada - amada - para a vida realizar-se plenamente como vida.

*Drácula* também tece considerações divertidas sobre o que é ser ou estar vivo, mas esse é o subtema mais ingenuozinho da obra. O livro dá asas à pilhéria de Stoker com o *status* auto afirmado da ciência, num ponto absolutamente fundamental: o lugar da verdade. Stoker, a par de suas diatribes literárias, formou-se em matemática no famoso Trinity College, de Dublin (frequentada por outro irlandês bamba, Jonathan Swift, cuja obra, *Gulliver*, também teve o triste destino de ser ensalsichada pela cultura da irrelevância). Regozijo-me em saber que o matemático Stoker não estava alheio à maior e mais longa história de mistificação de uma instituição, desde que Platão fundou a Academia: os cientistas são uma raça de pessoas especiais que apontam para a verdade.

É curioso que Shelley e Stoker tenham escolhido, para heróis científicos de suas obras, não súditos da coroa britânica, mas, respectivamente, um suíço e um holandês. Nietzsche costumava gozar a cara dos ingleses dizendo que eles são comerciantes, nada mais que comerciantes. Pode ser, mas também deve ser que, para ser um bom comerciante, é preciso estar preparado para seduzir o freguês com algo melhor que a própria mercadoria. Shelley (*post facto*, é claro) e Stoker renderam-se ao deboche de Nietzsche ao buscar em terras de fala (e, portanto, mente) mais germanizada, a personificação romântica do amor genuíno pelo explicar as coisas do mundo. Mesmo Van Helsing, holandês, é caracterizado no *Drácula* com forte sotaque germânico e cheio de expressões alemãs ("Mein Gott!") talvez para afastá-lo um pouco de Amsterdã, afinal, também terra de comerciantes (em que outro lugar do mundo putas e maconheiros são vistos por tradicionais turistas mineiros de toda parte, do Brasil inclusive, como pitorescos atrativos locais?).

O suíço Victor Frankenstein da obra de Shelley está longe de ser um Hugo A-Go-Go, vilão de Batfno. Sim, há loucura em Frankenstein, mas ela transita por seu amor pela namorada, pelos parentes, pelos amigos, tanto quanto em seu amor por explicar os fenômenos do universo (e um amor não exclui, mas alimenta, o outro). O sucesso e a tragédia científicas de Frankenstein ao criar "o monstro" refletem a diferença de perspectiva sobre a "positividade" da ciência que existe entre a criatura Victor Frankenstein, leitor de Galvani, e a de sua criadora Mary Shelley, leitora de Erasmus Darwin. E por falar em Batfno, voltemos ao cientista de *Drácula*.

Abraham Van Helsing ganhou o prenome de seu criador, Stoker, talvez porque o autor o considerasse um grande sujeito. Também acho. Van Helsing é chamado à Inglaterra por seu ex-discípulo, John Seward, para ajudar no caso da misteriosa doença de Lucy Westenra, uma patricinha enricada, cobiçada por três personagens

É curioso que Shelley e Stoker tenham escolhido, para heróis científicos de suas obras, não súditos da coroa britânica, mas, respectivamente, um suíço e um holandês. Nietzsche costumava gozar a cara dos ingleses dizendo que eles são comerciantes, nada mais que comerciantes

do livro (o Dr. Seward, inclusive). Dr. Seward é um cientista prototípico, na visão de Bram Stoker. Não um cientista louco, longe disso. De fato, o contrário disso. Ele dirige um asilo para doentes mentais, e é fera na craniometria, muito em voga no século 19, um tipo assim como "O Alienista", de Machado de Assis.



Um coprólito sendo examinado

Bram Stoker não tem a proeminência, o reconhecimento, as qualidades e muito menos o sangue azul literário de Shelley

Coisas impressionantes ocorrem com a bela Lucy, mas é preciso que tais “impressões” se avolumem até o limite do tenebroso para que o positivo Dr. Seward se dê conta de que se trata de um caso, bastante corriqueiro, se me permitem colocar assim, de vampirismo. Se é mesmo de evidências que vive a ciência, como, com tantas delas à disposição, o calejado cientista não se dá conta do que realmente acontece? *Drácula* está repleto de puxões de orelhas nessa confiança arrogante, nesse privilégio institucionalizado da detecção da verdade. Reproduzo aqui a leve palma da aplicada pelo professor Van Helsing em seu cético aluno:

“Você é uma mente sagaz, meu caro John. Sempre raciocinou com clareza e a sua mente é obstinada. Mas costuma frequentemente prejudicar as coisas. Não espera que seus olhos vejam e seus ouvidos ouçam, e tudo aquilo que diuturnamente acontece ao redor de sua própria vida parece não lhe despertar o mínimo interesse. Não consegue admitir que ainda existem muitas coisas que sua percepção não compreende, todavia elas estão aí”.

Sim, elas estão aí. Não é à toa que, apesar de enaltecer a bravura e a devoção cristã de todos os heróis da história que lutam contra o vampiro, é ao próprio Conde Drácula que Van Helsing concede os melhores elogios, de natureza, digamos, intelectual. Drácula é “celebrado como o mais sábio, o mais destre e o mais bravo dos filhos das terras situadas além das densas florestas”. O que torna Drácula elogiável como cientista - no melhor do termo, para Van Helsing - não são seus incríveis poderes malignos, mas os séculos de experiência aguçando suas possibilidades de entendimento muito mais que seus caninos (como naquele gracioso refrão: “mãe sabe o diabo por viejo que por diabo”). Van Helsing alerta sobre o perigo de alguém assim, criado e experimentado nas antigas terras dos magiães, dos mongóis, dos hunos, “na China, nos mais longínquos rincões da Terra”, fazer das suas logo na arrogante Inglaterra, terra que não apenas engatilha na arte do querer saber, mas até se esquivava disso: “Quem dentre nós teria sequer admitido tal possibilidade, em plena vigência do século 19, a científica era dos célicos e dos adeptos dos fatos comprovados”? Pergunta o professor.

Hoje, e, digamos, no Brasil, não estamos provavelmente às voltas com o perigo de um iminente ataque de vampiros. Mas, acredite, hay outras bruxas soltas por aí. Tal como Shelley e Van Helsing (se posso misturar criadores e criaturas), penso que muitas das querelas atuais que envolvem nossas redes de conversas são vampirescamente infectadas por um olhar injusto sobre o afazer científico. Não tenho a mínima esperança (ou receio) de que os cientistas sejam exímios caçadores de verdades, mas isso não deve ser motivo de desespero pra ninguém.

Debates como os das “guerras científicas”, aquelas que colocam os cientistas de laboratório (ou uma caricatura deles) às turras com os cientistas das humanidades (ou uma caricatura deles) podem ser divertidos para fazer frisson na mídia, mas estão assentados em uma disputa vazia. Nem a Ciência com “c” maiúsculo - os físicos, os biólogos, alguns linguistas - tem

a missão sagrada e solitária de desvendar um mundo independente das experiências partilhadas por estes cientistas, nem as Humanidades com “H” maiúsculo - os antropólogos, os psicólogos, alguns linguistas - têm a missão sagrada e solitária de fazer sociologia das outras ciências independente das experiências partilhadas por estes cientistas.

Outro debate que já deu o que tinha que ter dado há séculos (Drácula deve se lembrar dele) é a disputa pelo fogo prometeico da verdade entre a ciência e a religião. Ou entre as ciências e as religiões, se preferir. Ele não se esgota, e até mesmo, recentemente, tem se renovado, exatamente por nada ter de religioso ou científico. Trata-se de uma questão política. O fenômeno da evolução é uma de suas vítimas preferidas, principalmente na sua versão mais tragicômica (e chauvinista, pois finge que a evolução existe para o humano): a humanidade é descendente de macacos ou foi criada por um deus? Se você prefere a primeira resposta, saiba que ela não é resposta para nada. Evolução não é uma teoria que explica coisa alguma: é um fenômeno que deve, como tal, ser explicado pelos cientistas. E se você optou pela segunda resposta, ótimo. Mesmo assim, isso nada tem a ver com o domínio da ciência, mesmo se for a mais absoluta verdade. Isso porque a ciência não serve pra dizer verdades, mas para explicar os fenômenos tal como entendidos pelos cientistas. Dizer que um deus criou alguma coisa pede (cientificamente falando, é claro), ao menos, que se explique como isso aconteceu. Se esse debate absurdo continua, é porque certos grupos políticos - em especial, a direita evangélica norte-americana, e suas filiais mundo afora, especialmente na África e na América Latina - esperam ganhar espaço institucional (leia-se: almas, poder e grana) vendendo asneiras como a “teoria do criacionismo científico” e a “teoria do design inteligente”. Sinto dizer, pra quem gosta de comprar essas bobagens, que elas nada têm de teoria, nada têm de científico, nada têm de inteligente, e são criações medíocres com péssimo design.

Termino este desabafo literário-científico com um exemplo de onde, de fato, eu penso residir a verdade.

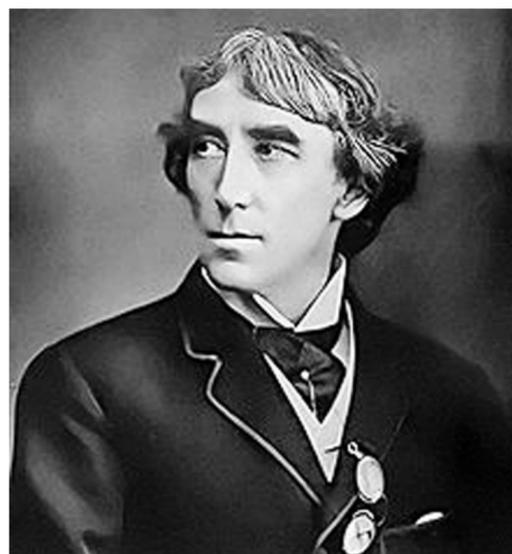
Os *coprólitos* (palavra do grego: pedra de cocô) são fezes de humanos ou outros animais (é claro), no mais das vezes fossilizadas. Por sua conservação, podem oferecer valiosos vestígios físicos, fisiológicos e até moleculares, seja de organismos que viviam nos intestinos do indivíduo defecador, seja do próprio animal que produziu a agora petrificada cagada. É difícil achar uma fonte tão rica de informações sobre o passado quanto os *coprólitos*. Por exemplo, examinando um cocô desses dá pra conhecer ao menos em parte a dieta de um animal morto há milhares ou milhões de anos, os locais por onde ele transitava (comparando o paleoambiente da região com as amostras do *coprólito*), os animais com quem ele se relacionava, e se ele tinha vermes ou outras doenças.

Devia haver um ditado chinês para isso, do tipo: “se você quiser conhecer a verdade, examine detidamente toda merda que encontrar, mesmo que ela esteja endurecida há séculos”.

Outro debate que já deu o que tinha que ter dado há séculos (Drácula deve se lembrar dele) é a disputa pelo fogo prometeico da verdade entre a ciência e a religião. Ou entre as ciências e as religiões, se preferir



Mary Shelley fazendo o que sabe



O ator Henry Irving

Termino este desabafo literário-científico com um exemplo de onde, de fato, eu penso residir a verdade: os *coprólitos* (palavra do grego: pedra de cocô)

# Minicontos

JOSUÉ BORGES



## Freud e as coisas da vida

Não sabia o que fazer com aquela sensação. Mal acordara. Aquilo meio embuchada. Um fastio que parecia querer explodir. Talvez fosse porque já havia tomado a decisão. Só precisava entender como desatar o nó. Eu havia ficado confusa. Papai sempre fora muito rígido e sisudo. Não vergava diante de nada em minha educação, quando mais a minha, que sou mulher. Como descendia das tradições familiares mineiras, era tudo muito separado e nunca explicado. Homens são homens, machos. E mulheres são fêmeas completamente. Depois da morte de mamãe, as coisas pareceram bem esdrúxulas. Papai de hirtto surgia com certas extravagâncias. Frequentado por um amigo assaz íntimo. Não condizia com o costume, aquilo. Um homem tem que ser. Aquilo, ó. E nó-cegado. E deu que, Freud. Papai precisava morrer, assim, de um certo jeito, que foi logo depois do café. Sem dor nem piedade.

## Laços de família

Súbito! Papai fizera sozinho todos os laços. Nem desconfiávamos. Aquilo, ao abriremos a porta da cozinha naquela manhã de carnaval. Assim, súbito. E papai ali, enlaçado. Foi o tempo de mamãe nos explicar. Ela sabia, então, daqueles laços? Foi o último ato de papai. Antoninha, minha irmã, que estudou medicina, foi quem cuidou para que tudo desse certo, se esmerando para que, no tempo exato, tudo devesse ficar

como ele queria. Da nossa janela o vemos, todas as manhãs. E todos os anos mamãe compra uma corda nova. Na primeira manhã de carnaval, reforçamos os laços de família.

## A boda

Tinha predileção por certos contos feéricos. Emaranhado de tranças e transas. Beladona. Nua. Alva. O manequim ainda usa os mesmos véu e grinalda. O campanário mor te foi dado. Cada verdade enamorada perdura. Uma moldura em ruga e carmin eternizada no pôr-do-sol.

## Arte contemporânea (conto - mini)

De resto ficou apenas o sangue seco na parede. A princípio, a mãe pensou em passar por cima uma tinta branquinha, modo de purificar a lembrança dele. Mas aquelas manchas vermelhacobreadas foi tudo o que restou da vida do filho. O sangue-seco-na-parede. Olhando assim, de longe, até lembra uma obra de arte, dessas contemporâneas. Um esteta. Imensamente.

## Do avesso eu sou I

Há momentos em que tudo o que temos a dizer é este silêncio clandestino a nos consumir pelas beiradas. Nestes dias o desespero não é mais que uma afável companhia que, embora finjamos não ver, está sentado ao lado, sedando nosso destino e selando este momento inefável de supressão da

realidade que desejamos.

Realidade, maldita porta escancarada a mostrar seus dentes seculares. Caninos carnívoros consumidores de sonhos e sonos. Meu silêncio te consome e se consome no teu silêncio, fera dos tempos e companhia das horas opacas. Realidade. Como gostaria de devorar-te como um bife à milanesa, servido na última ceia do último dia destes tempos indecisos em que nem a cólera, nem a revolta conseguem trazer à tona o que restava de esperança.

Vem, realidade absurda, saquear o meu quinhão de dignidade, o que me resta de hombridade, de virilidade e honestidade. Seja lá o que isso for. Atropela o vazio absoluto que criaste no meio da vida em sociedade, da vida em comunidade, civilizada.

O que bebo de ti, persona non grata, é o veneno com que me mato, é o veneno com que te assassino. Cada gota que injetas em minh'alma, devolvo-te multiplicada em vômito, em asco, em podridão. De resto, além da acidez de meu vômito, tens o meu silêncio, tão absoluto quanto o vazio que constróis e que, quem sabe, um dia, no último tardar da esperança, teu vazio te possa consumir e devolver-nos o Nada: a sombra adstringente de tudo o que não chegamos a ser.

\* Poeta e escritor

<http://o-olho-que-ve.blogspot.com.br/>  
Um livro é um livro é um livro é um livro, e nós outros, transatlânticos, somos todos os livros que (nos) lemos.